

CENAS ENUNCIATIVAS OU USOS IDIOMÁTICOS? IDENTIDADE E VARIAÇÃO SEMÂNTICAS DOS VERBOS *COMER* E *QUEBRAR* EM PB

Márcia ROMERO³

RESUMO

Fundamentado na Teoria das Operações Enunciativas (Culioli, 1990) (De Vogüé; Franckel; Paillard, 2011) e inserido em uma pesquisa mais ampla direcionada à compreensão da identidade semântica de lexemas verbais no português brasileiro (PB), este trabalho propõe-se a analisar o mecanismo enunciativo específico a dois verbos – *quebrar* e *comer* – e o modo como se dá o processo de construção da significação dos enunciados aos quais se integram. Por meio da reconstituição de formas de regularidade semântica que lhes são próprias e que tendem a ser ocultadas pela extrema polissemia que caracteriza os lexemas verbais em seus diferentes usos, temos como objetivos, em primeiro lugar, discutir o modo como se estabelece a organização de sua variação semântica em discurso, a partir das formas de regularidade entrevistas; em segundo, mostrar como essa organização permite explicar usos considerados idiomáticos, comumente deixados de lado nas descrições de natureza sintático-semânticas. O estudo tem na prática de elaboração de glosas seu fundamento analítico. Operação sustentada pela atividade epilinguística constitutiva da linguagem (Culioli, 1990) (Romero, 2011), a glosa estabelece-se pela manipulação controlada do material empírico, que expõe circunstâncias e restrições referentes ao emprego dos verbos em articulação com seus contextos de inserção.

PALAVRAS-CHAVE: lexema verbal; português brasileiro; regularidades semânticas.

Introdução

Nesse trabalho, temos por propósito analisar, por meio da abordagem lexical desenvolvida no âmbito da Teoria das Operações Enunciativas (Culioli, 1990) (De Vogüé; Franckel; Paillard, 2011), os verbos *quebrar* e *comer* em português do Brasil (PB), com a finalidade de refletir sobre as contribuições de seus mecanismos

3 UNIFESP, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Educação, Estrada do Caminho Velho, 333, 07252-312, Guarulhos, São Paulo, Brasil, marcia.romero@unifesp.br. Pesquisa financiada pela FAPESP, no âmbito do projeto *Léxico e Enunciação: sistematização do funcionamento verbal* (13/07572-0).

enunciativos para a compreensão do processo de construção da significação de empregos vistos, muitas vezes, como frutos de cristalização lexical.

Como explica Mortureux (2008), o processo de cristalização lexical consiste em uma codificação oriunda de um vínculo estável entre um signo polilexical, *i.e.* uma unidade formada de várias palavras gráficas, e sua função designadora: a codificação indicaria que “o vínculo assim estabelecido é memorizado pelos locutores, que, no discurso, utilizam esse signo para designar este ou aquele referente em função de seu valor denominativo”⁴ (Mortureux, 2008:105), o que, ademais, apontaria para o fato de a significação da sequência não ser “o simples produto da significação dos lexemas que a compõem; contrariamente aos sintagmas regulares, o sentido da sequência cristalizada não é composicional, mas global” (Mortureux, 2008:105).

Ora, nota-se que, por trás dessa explicação, há a concepção de que o sentido de uma dada unidade linguística compondo uma sequência cristalizada, da qual fazem parte usos idiomáticos, difere do sentido que ela adquire quando a sequência não é assim qualificada. No cerne dessa distinção, encontra-se o modo como se apreende a natureza semântica do léxico, no sistema linguístico e em seus diferentes usos.

Sobre essa questão, Moura (2002) e outros autores, dentre os quais citamos Marche-Pucheu (2001) e Franckel (2002), para mencionar apenas algumas obras em que o tema é abordado, afirmam ser essa problemática constitutiva de debates atuais importantes no campo da semântica:

O problema da representação lexical tem se mostrado muito produtivo nas pesquisas atuais sobre a significação linguística. Depois de um longo período em que o léxico foi considerado assistemático e idiossincrático, a busca por regularidades e por relações semânticas sistemáticas no campo lexical passou a caracterizar as pesquisas nessa área. [...] Um promissor campo de investigação foi aberto na medida em que o léxico, ao invés de ser representado como uma estrutura fixa e estável, passou a ser analisado em sua relação composicional no corpo da sentença e mesmo do texto. Representações mais flexíveis (e mais ricas) foram propostas para dar conta da imensa produtividade e variação dos sentidos lexicais em contexto. Fenômenos bastante tradicionais em semântica, como polissemia, ambigüidade e indeterminação voltaram à cena nessa tentativa de explicitar a riqueza do funcionamento do léxico e sua interação com outros componentes da gramática. (Moura, 2002:9)

4 Todas as traduções foram feitas por nós e, quando não, consta da bibliografia o nome do tradutor.

O autor observa, ainda, a existência de dois princípios norteando as pesquisas – inscritas em referenciais deveras distintos, como faz questão de ressaltar: um que tende a considerar, “na representação semântica, um espaço para a variação dos sentidos lexicais em contexto” (Moura, 2002:9), outro que tende a refutar ser o sentido das palavras algo inteiramente produzido no contexto, “a partir de inferências pragmáticas ou textuais. Alguma interação entre conteúdo lexical e contexto deve sempre ser procurada” (Moura, 2002:9).

O referencial teórico por nós adotado, se assume tais princípios, o faz de um modo que conduz a investigar o que está em seus fundamentos: em que consiste esse espaço para a variação na representação semântica ou, integrando ambos os princípios, em que consiste o conteúdo lexical como espaço para a variação e como o que admitiria a interação com o contexto?

Na continuidade do trabalho, tratamos dessas questões por meio da discussão direcionada à natureza da identidade semântica verbal e à forma como essa identidade, caracterizada por sua invariância, integra a variação, abarcando inúmeros usos. Seguem essa discussão as análises de *quebrar* e *comer*, cujo estudo se dá no confronto e exame minucioso de enunciados dos quais decorrem, para cada verbo, valores semânticos absolutamente distintos e, ao mesmo tempo, marcados por regularidades que nos cabe evidenciar. Finalizamos a reflexão com a análise de usos qualificados, muitas vezes, como idiomáticos, caso, por exemplo, de *O pau quebrou!* e *O pau comeu!*, em que *quebrar* e *comer*, semanticamente próximos, evocam contextos de brigas ou disputas violentas, mostrando de que modo as regularidades constitutivas de suas identidades semânticas permitem compreendê-los e impõem restrições enunciativas não quaisquer.

Sobre invariância e variação semânticas

O aspecto principal do posicionamento adotado face ao léxico pela Teoria das Operações Enunciativas provém do estatuto conferido ao que semanticamente identifica, no nosso caso, um dado verbo, identidade esta que não se reduz a um sentido de base ou primeiro. Apresentada em termos de um potencial significante, a identidade semântica em questão postula que os sentidos não nos são dados de antemão, mas, sim, construídos por meio de articulações do material linguístico em jogo nas quais se

observa um espaço de representações com o qual o sujeito interage ao enunciar. Há, assim, para cada lexema verbal, um princípio organizador de sua variação semântica a ser reconstituído, sendo este princípio apreendido pelo conceito de *forma esquemática* ao qual voltaremos adiante, e que formaliza a natureza de sua matéria semântica.

Nosso interesse, como dito, direciona-se para o mecanismo enunciativo do verbo, categoria caracterizada pelo modo como este intervém no processo de fabricação de enunciados, ou, como explica De Vogüé (2011), ao recuperar Cresseils (1995), como um elemento lexical cuja função é integrar um conjunto de constituintes nominais em uma proposição. Retomando as bonitas palavras da autora, um verbo serve para *dizer*:

[...] isso significa que é entendido como a elaboração de uma descrição, esta trazendo consigo uma proposição inteira, em que é reconstituída uma forma de microcena na qual os referentes dos constituintes nominais implicados representam os protagonistas. Portanto, é todo um cenário, com lugares e personagens, que é mobilizado e que basta o verbo para evocar [...]. (De Vogüé, 2011:290)

Considerando que o verbo opera por desenvolvimento de cenários, pretende-se verificar como a identidade semântica que lhe é própria (sua *forma esquemática*, potencial significante do lexema) contribui para organizar os constituintes nominais que se integram à proposição. Isso nos conduz a buscar a referida identidade no desenrolar do processo enunciativo, na interação que se verifica entre o verbo e seu(s) contexto(s) de inserção. Ao refutarmos concepções para as quais o verbo traz consigo qualquer traço de conteúdo inerente, postulamos uma unidade cujo âmago é de natureza variável e definido pela função específica que se estrutura a partir dos próprios enunciados aos quais o verbo se integra e que ajuda a construir. Se o verbo apresenta, sim, uma matéria semântica no âmbito do sistema linguístico⁵, esta não se reduz aos conteúdos com os quais estamos acostumados a lidar.

Como observado em outros trabalhos, ao formalizar o movimento enunciativo do verbo, “a forma esquemática não fala por si só” (Romero; Trauzzola, 2014:241): nela, *quebrar* não é o que se despedaça, o mesmo podendo ser dito para *comer*, que também não é o que se ingere, para citar acepções correntes. Além disso, ela é:

⁵ Seria uma contradição pregar a inexistência de matéria semântica no sistema linguístico. Uma afirmação dessa natureza denotaria o desconhecimento “[d]a história e [d]o caráter social e antropológico das regras da linguagem” (FRANCHI, 2006:49). Se “o sentido” só se efetiva pelas contextualizações da unidade, isso não significa que não haja uma materialidade semântica prévia ao discurso. O que defendemos é que essa materialidade não se apresenta de forma conteudista, o que, mais uma vez, vai ao encontro de reflexões feitas por Franchi (2006:49): “nem se pode esperar que o cálculo das correspondências entre as expressões e seu sentido – do processo de interpretação – possa ser reduzido a procedimentos sintáticos-semânticos de decodificação”.

[...] única: as relações descritas [pela forma esquemática] são exclusivas, e se duas unidades linguísticas, de uma mesma língua ou não, podem ser apreendidas como semanticamente semelhantes [...], essa apreensão é necessariamente circunstancial, *i.e.* fundamentada em caminhos que, apesar de conduzirem a soluções próximas em enunciados nos quais tais verbos se deparam com condições específicas de funcionamento, são constitutivamente diferentes; e, por fim, é impregnada de regularidades, e isso pelo fato de o funcionamento da unidade em si ser repetível nos enunciados que ajuda a elaborar. (Romero; Trauzzola, 2014:241)

A *forma esquemática* constitui, assim, o arcabouço de um raciocínio que permite extrair o papel respectivo do verbo e de seu contexto na variação dos sentidos associada, comumente, apenas ao verbo. Espera-se, dela, que confira uma formalização, não assimilável a uma substância autônoma, ao conjunto dos empregos do lexema por ela caracterizado. Trata-se de uma forma invariante, de natureza relacional e abstrata, elaborada a partir de glosas nas quais se verificam, de um lado, as contextualizações desencadeadas pelo verbo e o modo como o verbo age sobre os elementos constitutivos dessas contextualizações, de outro, em um movimento recíproco, o modo como esses elementos agem sobre o próprio verbo.

Para ilustrar a prática de elaboração de glosa, consideremos um único par de exemplos: (1) “Ele comeu minha bateria”, ao lado de (2) “Ele quebrou minha bateria”. Importa-nos observar, para (1) e (2), como os verbos apreendem os constituintes nominais (CN) com os quais constroem enunciados.

Para (1), temos, para além de enunciados em que se evoca um ser animado como referente para “ele”, tal como (1a) “O cachorro *comeu minha bateria*⁶”, um leque de enunciados muito mais vasto, em que “ele” remete a programas de computador ou softwares, como vemos em (1b) “Facebook comeu minha bateria. Hoje, meu Nexus estava com 15% de bateria quando normalmente estaria com uns 90%. Conferi e o Facebook tinha consumido 85% da energia gasta em 5hs de funcionamento [...]”⁷. Ao lado dos referentes evocados por “ele”, examina-se, ainda, de que modo o CN “minha bateria” é pelo verbo apreendido em (1a) e (1b) – para depois confrontar essa apreensão com a verificada em (2). Percebe-se, assim, que as representações decorrentes de *comer* e, mais especificamente, as determinações por ele conferidas a “minha bateria” são

6 Fonte: http://forum.jogos.uol.com.br/topico-off-bateria-de-notebook_t_1299460, acesso 17/09/2015.

7 Fonte: <https://groups.google.com/forum/#!topic/androidbrasil/LrH5rh2183w>, acesso 17/09/2015.

bastante específicas: em (1a), temos “o cachorro” como o que se apodera indevidamente de algo não concebido *a priori* como fonte de alimentação, apoderação atestada por uma bateria, entendida como objeto, que se vê mastigada, destruída, ou por uma bateria não mais existente, porque o cachorro a engoliu etc.; já em (1b), temos um dado programa, “Facebook”, que se apodera, também indevidamente, de uma fonte de energia para funcionar, no sentido em que a bateria, dessa vez entendida como elemento funcional, como gerador de energia para o funcionamento do computador, é apropriada em grande parte pelo programa. Em outras palavras, em ambos se elaboram representações marcadas por uma relação na qual se vê um “apoderar-se” e, mais, um apoderar-se de algo que não é de direito ao que dele se apodera.

Já para (2), enunciados possíveis seriam (2a) “Este mecânico sem cuidado que desregulou o sensor da borboleta e quebrou minha bateria [...]”⁸ e (2b) “Andy... você quebrou minha bateria da sorte e me deu essa bateria e agora eu não consigo montar ela”⁹, em que “minha bateria” evoca um instrumento musical recuperado no contexto da história. O interessante é notar que *quebrar* faz com que a representação oriunda de “minha bateria” evoque, em (2a), ou um aparelho elétrico, o que implica um conjunto de componentes integrados, ou, em (2b), um conjunto de elementos de percussão, igualmente integrados, e que constitui um instrumento musical. É sobre essa integração, ou *solidariedade*, que *quebrar* atua, colocando-a como algo que não mais se observa.

Em suma, esses exemplos evidenciam que, mais do que ser apenas algo afetado, “minha bateria” vai evocar, graças ao mecanismo enunciativo de cada verbo, diferentes representações, tal como o pronome “ele” convocará referentes diversos para que o enunciado se elabore. A análise das representações evocadas e de como atuam, em contrapartida, na própria delimitação semântica do verbo dão a ver, progressivamente, as relações constitutivas da identidade semântica verbal, que, pelo pouco apresentado, passam, para *quebrar*, pela noção de solidariedade, e, para *comer*, pela de apoderação.

É, por fim, o modo de integração do verbo à proposição que é representado pela *forma esquemática*, que busca dar conta das relações estreitas que, unindo cada verbo a seus contextos de inserção, tomam a forma de uma distribuição, condições de emprego ou efeitos contextuais não quaisquer. A representação em termos de *forma esquemática*, de natureza metalinguística, se aproxima “a de um *script* que diz – e logo, afeta – os

8 Fonte: <http://www.motocustom.com.br/forum/viewtopic.php?f=40&t=8127&start=100>, acesso 17/09/2015.

9 Fonte: <http://imaginesuh.blogspot.com.br/2012/10/a-devil-for-me-cpt-31.html>, acesso em 17/09/2015.

elementos convocados para o seu pôr em uso (a sua *mise en scène*) ao mesmo tempo em que, se ajustando às propriedades de cada elemento convocado, reconstrói de maneira variável sua encenação” (Romero; Trauzzola, 2014:241)¹⁰. A identidade semântica é formalizada por esse mecanismo invariante, não vinculado a nenhuma enunciação efetiva, embora elaborado por meio da análise de suas diferentes enunciações.

Quebrar e Comer: a solidariedade desfeita e a quantidade apoderada

Nessa seção, iniciada com a análise do verbo *quebrar*, mostramos que sua descrição parte da representação, não do que é sólido, como poderia se pensar, mas do que é *solidário*, do que se encontra em uma relação estreita de dependência recíproca ou causalidade com o outro. A formalização do funcionamento desse lexema em termos de *solidariedade*, de unidade coesa que não mais se verifica, recupera, assim, uma relação de parâmetros variáveis (*o que é solidário, coeso, e os constituintes solidários formando a coesão*) que explicam com maior rigor a proliferação de sentidos que lhe atribuímos em seus diferentes usos, alguns dos quais analisamos a seguir¹¹:

- ***Quebrou o vaso com raiva.*** Enunciado considerado prototípico. Nele, *o vaso*, apreendido sob a ótica de sua inteireza, remete à união coesa de partes constituintes. *Quebrar* diz que essa união coesa não mais se verifica, originando representações em que se evocam partes do vaso, ora por uma alça, um pé etc. que dele se separa, ora por um vaso que se apresenta em pedaços etc. Nas representações possíveis, observa-se, assim, uma relação todo-parte: o vaso em sua inteireza e suas partes.
- ***O Papa Francisco quebrou o protocolo, saiu do papamóvel e dirigiu-se aos fiéis.*** É interessante atentar para o modo como o verbo apreende o termo com o qual funciona enunciativamente. Nesse exemplo, *o protocolo* remete a regras cerimoniais integradas umas às outras, *i.e.* a um conjunto de regras a ser respeitado e no qual se engajam as partes envolvidas na cerimônia. *O Papa*, ao não cumprir uma dada regra, invalida o protocolo próprio ao cerimonial.

10 Ver, ainda, De Vogüé; Paillard, 1997.

11 Dado o limite que temos, reduzimos consideravelmente os enunciados analisados. Eles fazem parte, no entanto, de um banco de dados vinculado ao projeto *Léxico e Enunciação* e que se encontra em elaboração por Camili Alvarenga, com a contribuição de nossos orientandos, no âmbito do subprojeto *Variações de sentido em contexto* (Apoio FAPESP, 14/24111-9).

- ***No fim do pregão OGX divulgará prejuízo recorde. Eike quebrou a empresa?***
A empresa é apreendida, com quebrar, como atividade econômica estruturada, como uma unidade econômica coesa em que se tem um sistema consolidado de atividades humanas (relacionadas à produção, distribuição, troca e consumo de bens e serviços). O enunciado questiona se Eike fez ou não com que essa solidariedade econômica deixasse de se observar, resultando na desintegração da empresa.
- ***Clooney quebrou a promessa de não voltar a se casar quando [a] conheceu.***
A promessa implica engajamento pessoal, um contrato verbal firmado (consigo ou outrem) que institui um vínculo entre partes. Quebrar diz que esse vínculo se desfez.
- ***[...] a começar pela adoção da previdência complementar, o maior golpe contra o funcionalismo federal, porque, além de pôr fim à paridade e a integralidade, quebrou a solidariedade entre os servidores com esses direitos [...].*** O termo *a solidariedade* evoca o vínculo entre os servidores devido a um benefício comum que lhes dizia respeito. *Quebrar* diz que o vínculo que os tornava uma unidade coesa (uma classe) se desfez pelo fato de os benefícios não serem mais estendidos a todos.
- ***[...] caracterizado pela grande onda que se quebrou sobre a embarcação.*** *A onda* evoca, no enunciado, o movimento ondulatório que surge na superfície do mar e que é dotado de regularidade, de uma repetição sistemática de um mesmo fenômeno, no caso, de oscilações entre cristas e vales. *Quebrar* marca a interrupção do movimento ondulatório pela rebentação da crista da onda.
- ***[...] o cara fez tudo ... : saiu do tom várias vezes, errou o tempo, quebrou o ritmo da musik e ainda esqueceu algumas partes da letra.*** *O ritmo*, também neste enunciado, evoca um movimento coordenado, uma repetição de intervalos musicais (regulares ou irregulares, fortes ou fracos, longos ou breves) presentes na composição musical, em suma, um fenômeno físico auditivo envolvendo repetição periódica ordenada. Marca-se a interrupção de um fenômeno que, por ser dotado de uma constância de intervalos musicais no espaço-tempo, se vê inserido em uma relação causal.
- ***A terapia do riso quebrou a rotina de Centro de Hemodiálise de Patos [...].*** *A rotina* remete a um conjunto de práticas que se constituem pela repetição de um esquema invariável. As práticas são percebidas como regulares em um dado período. *Quebrar* diz que um acontecimento interrompeu a regularidade das práticas observadas.
- ***[...] tem muita gente suando a camisa neste momento para quebrar qualquer código criptográfico. E porque não continuarão com a saga? O código***

criptográfico evoca um sistema de símbolos que, dadas uma informação e uma chave, gera uma mensagem cifrada, ilegível. Apenas quem detém a chave tem acesso à informação. Trata-se de um dispositivo constituído de um conjunto fechado de elementos ou de relações, de um conjunto funcional cujas partes são interrelacionadas. *Quebrar* diz que a unidade coesa constitutiva do sistema se desfez.

A análise desses enunciados permite formalizar a identidade semântica própria a *quebrar* e que sustenta a variação, ao mesmo tempo em que mostra haver grupos de funcionamento que mobilizam essa identidade de modo diferenciado.

Sobre a forma esquemática do verbo, postula-se que: dado um elemento X que se apresenta como um conjunto de constituintes solidários Y, **QUEBRAR** diz a solidariedade desfeita.

Em relação aos grupos de funcionamento, nos quais realocamos os enunciados, verificam-se três grupos estruturados segundo o modo pelo qual a relação de solidariedade constitutiva do mecanismo enunciativo de *quebrar* se manifesta.

No **grupo I**, (X) apresenta-se como uma unidade coesa cuja solidariedade se compõe de constituintes inerentes e interdependentes (Y). A natureza interdependente implica uma relação entre todo e constituinte do todo que deixa de se verificar, resultando em uma destruição estrutural manifestada de várias maneiras (há partição, mecanismos ou organismos que deixam de funcionar, estruturas ou sistemas destruídos). Fazem parte desse grupo:

- ***Quebrou o vaso com raiva.*** Tem-se *o vaso* em sua inteireza (X), como união coesa de diferentes *partes* (Y) (*alça, pé, corpo* etc.) ou como união coesa representada por uma dada substância (*vidro, porcelana* etc.) capaz de nos dar *pedaços* (Y); nesse caso, a solidariedade desfeita resulta em partes, pedaços;
- ***No fim do pregão OGX divulgará prejuízo recorde. Eike quebrou a empresa?*** Tem-se *a empresa* evocando uma unidade econômica coesa (X), um sistema consolidado de *atividades humanas* (Y) (relacionadas à produção, distribuição, troca e consumo de bens e serviços), que resulta, com a solidariedade que não mais se verifica, em uma estrutura (econômica) destruída;
- ***[...] tem muita gente suando a camisa neste momento para quebrar qualquer código criptográfico. [...]*** Tem-se *código criptográfico* como sistema de símbolos (X) gerando uma mensagem cifrada, (Y) remetendo *aos elementos* ou relações que compõem o sistema. A solidariedade desfeita evoca a destruição do código.

Outros exemplos desse **grupo I** são: “*A mudança de ciclagem quebrou a máquina*”, em que se tem *a máquina* como mecanismo (X) de peças interdependentes (Y) que não mais funciona; “*Foi o peso do gelo que quebrou minha perna [...]*”, em que *a perna* (Y), antes integrada à estrutura do corpo (X), deixa de contribuir para o seu funcionamento, ou então, *o osso* (da perna) (X), antes visto em sua inteireza e solidez, nos dá *partes* ou *pedaços* (Y); “*Técnico [...] admite que quebrou a cabeça dois dias para vencer o Corinthians*”, em que se tem *a cabeça* como cérebro, conjunto integrado (X) de funções (Y) próprias ao trabalho intelectual, e cuja perda de solidariedade resulta no que não funciona como se espera, na exaustão de raciocínio; o mesmo vale para “*A corrida me quebrou*”, em que o *sujeito*, apreendido como um organismo (X) que funciona graças à integração das funções dos diferentes órgãos (Y), se vê exaurido, tal como um organismo que perde sua força, deixa de funcionar etc.

No **grupo II**, (X) apresenta-se como uma unidade coesa cuja solidariedade implica um constituinte de natureza circunstancial dado sua inserção no espaço-tempo. A natureza circunstancial traz uma solidariedade que não se perpetua, resultando em um outro rumo (há desvio, mudança).

- **[...] caracterizado pela grande onda que se quebrou sobre a embarcação.** Nesse enunciado, (X) é a *onda*, movimento ondulatório dotado de regularidade, e (Y), um fenômeno imbricado a outro circunstancialmente e sem o qual a regularidade não existiria, i.e. *a oscilação entre cristas e vales, quebrar* marcando a atualização do ato de rebentação de sua crista;
- **[...] o cara fez tudo ... : saiu do tom várias vezes, errou o tempo, quebrou o ritmo da musik e ainda esqueceu algumas partes da letra.** (X), aqui, é o *ritmo*, movimento coordenado, dotado de repetição de *intervalos musicais* (Y) presentes na composição musical. *Quebrar* marca o cessar da ordenação da composição musical.
- **A terapia do riso quebrou a rotina de Centro de Hemodiálise de Patos [...].** Tem-se a *rotina* (X) como conjunto de *práticas* (Y) que se constituem pela repetição, pela regularidade, no espaço-tempo, de um esquema invariável, *quebrar* marcando a interrupção de uma dada prática em um dado momento.

Para dar outros exemplos do **grupo II**, temos: “*Sua cabeça quebrou-se para trás*”, em que (X) é o alinhamento harmônico entre *cabeça-corpo* no seu modo de se movimentar, *sua cabeça* (Y) atualizando um movimento distinto daquele do corpo ao qual se integra; em “[...] quem quebrou o fio da conversa poderia ainda informar [...]”, (X) é o *fio da conversa* como troca verbal que se desenrola de forma encadeada no

tempo, *quebrar* remetendo à atualização de *uma colocação* (Y) que não responde à sequência observada; em “[Chico] *quebrava agilmente a direção, pisando no acelerador*”, temos (X) como movimento uniforme, o movimento que a direção confere ao carro ao dirigi-lo. (Y), constituinte circunstancial de (X), é a *atualização do ato de dirigir, quebrar* dizendo que novos movimentos, que rompem a uniformidade da direção, vão sendo atualizados. A esses enunciados, somem-se os que se seguem, só mencionados: “*Quebrou-se o corpo, desviando do golpe*”; “*Quebrei a esquina [...]*”; “*O sono é quebrado por [...] períodos de sono REM.*”; “*O golpe militar de 1889 quebrou a sucessão natural ao trono brasileiro*”, entre outros.

No **grupo III**, (X) apresenta-se como uma unidade coesa cuja solidariedade não existe fora da predicação (não há uma solidariedade intrínseca, como **grupo I**, nem uma solidariedade circunstancial, extrínseca, como no **grupo II**). Os constituintes não existem fora da solidariedade predicada (há violação, transgressão, vínculos invalidados). São exemplos desse grupo:

- ***O Papa Francisco quebrou o protocolo, saiu do papamóvel e dirigiu-se aos fiéis.*** Tem-se *o protocolo* como conjunto interdependente (X) de regras cerimoniais (Y) a ser cumprido, o próprio protocolo como regra não existindo fora de quem nele se engaja, de seu cumprimento. A quebra do protocolo o torna nulo.
- ***Clooney quebrou a promessa de não voltar a se casar quando[a] conheceu.*** Tem-se *a promessa* como contrato verbal firmado e que institui um vínculo (X) entre partes (Y), não existindo *promessa* fora daquele a quem se promete;
- ***[...] a começar pela adoção da previdência complementar, o maior golpe contra o funcionalismo federal, porque, além de pôr fim à paridade e a integralidade, quebrou a solidariedade entre os servidores com esses direitos [...].*** Nesse caso, tem-se *a solidariedade* como vínculo (X) entre servidores (Y) pelo benefício comum que lhes diz respeito, vínculo que não existe fora do benefício que o institui.

Por fim, para mencionar alguns outros enunciados integrados ao **grupo III**, temos: “[...] *na hora da conversa a pessoa conseguiu quebrar o encanto e deu vontade de você sair correndo?*”, em que *o encanto* é visto como vínculo (X) do sujeito, sob o efeito do charme de outrem, a um outro (*sujeito* e *outro* sendo as partes vinculadas pelo *encanto*), não existindo *encanto* como estado a não ser pelo charme que o motiva; “*Você não quebra a sua palavra, não importa o que lhe custe*”, em que se tem *a palavra* como engajamento pessoal, de natureza verbal e moral, face a outrem e que institui um vínculo (X) entre partes (Y), vínculo que não existe fora daquele para o qual

a palavra foi empenhada; “*A iniciativa [...] quebrou a regra número 1 da cracolândia: É proibido filmar!*”, vê-se a regra número 1 como pertencente a um conjunto ordenado (X) de regras (Y) e como o que não o que não existe fora da própria organização instituída etc.

Passemos agora ao verbo *comer*. Em PB, os usos desse verbo são infinitamente mais interessantes do que dá a ver a simples menção ao “ato de ingerir” empregada, muitas vezes, para descrevê-lo. São exemplos desses usos, a começar pelo exemplo prototípico ao qual ele se vê de saída associado:

- ***Daniel Alves come banana atirada em campo por torcedor [...]*** Nesse enunciado, *comer* apreende *Daniel Alves* como organismo. Evocam-se *a banana* como uma quantidade de substâncias úteis ao desenvolvimento do organismo humano (elemento nutritivo) e *Daniel Alves* como organismo a ser nutrido por um ato específico apoderando-se das substâncias que precisa. Vale dizer que, normalmente, é *o ato de mastigação* que é evocado nessa apoderação, ato que, etimologicamente, traz a representação de nos fazer penetrar de algo a ponto de fazê-lo nosso, de adquiri-lo¹².
- ***[Ele] Comeu toda a herança paterna em poucos meses.*** O CN *a herança paterna* evoca um volume de bens materiais (uma quantidade) dotados de valor financeiro. *Comer* diz que esses bens serviram de *fonte para* (alimentaram) satisfazer os desejos do sujeito. Nota-se que o uso da *herança paterna*, embora esta possa ser entendida como o que pertence de direito ao sujeito, é visto, graças ao verbo, como não condizente; ora porque o sujeito dela se apodera para uma finalidade não aceita socialmente ou moralmente, ora porque, ao invés de poupá-la, a gasta, fazendo com que “a herança” deixe de ser um patrimônio, um bem acumulado etc. Daí enunciados como “*É verdade que Lorde Mewill comeu a fortuna de seus pais em jogos de cartas e de dados, em rinhas de galos e nas corridas de cavalos...*”, em que o uso não condizente, aqui, da fortuna, é especificado (em jogos, rinhas, corridas).
- ***A tuberculose comeu-lhe os pulmões.*** Evoca-se, nesse enunciado, uma representação na qual os pulmões se veem tomados pela tuberculose. O CN *os pulmões*, apreendido como um órgão constituído de um tecido esponjoso e extensível, tem sua dimensão tomada por uma doença que, ainda que *lhe* seja característica, não é constitutiva de sua natureza (não se espera de *os pulmões* que

12 A título de curiosidade, é interessante notar que o verbo não é empregado com *a hóstia*, uma vez que, representando o “Corpo de Cristo”, o alimento (espiritual) nos é dado, oferecido, sem que tenhamos que dele nos apropriarmos. Emprega-se, nesse caso, *receber a hóstia*.

sejam doentes). De *os pulmões sem tuberculose*, passa-se a *os pulmões com tuberculose*.

- ***Minha filha de 9 anos adorou, não queria parar de ler. Comeu o livro!*** O CN *o livro*, delimitado como uma quantidade de texto escrito a ser lido (uma história), tem suas palavras tomadas pelos olhos que nelas pousam. Evoca-se uma representação de intensidade na leitura e simultaneidade entre o movimento dos olhos e o texto por ele percorrido, como se o sujeito se apoderasse da palavra no instante mesmo em que bate os olhos nela. É interessante notar que *comer* alinha as propriedades do ato manifestado pelo sujeito ao *comido*: é pelo fato de *o livro* evocar a representação de uma história a ser lida que o sujeito é visto como o movimento dos olhos que dele se apodera. Interessante notar, ainda, que *comer o livro* não significa que tenha havido uma leitura qualitativamente proveitosa. Em *Vou comer o livro! Preciso ler isso pra hoje!*, o que importa é a finalização da leitura e não se ela é ou não considerada uma boa leitura.
- ***As patas dos cavalos comiam quilômetros em minutos.*** O CN *as patas dos cavalos* evoca *passadas*. As patas em movimento apoderam-se dos quilômetros a cada passada. Percebe-se como *os quilômetros* redefine o modo de apreensão *das patas dos cavalos*, delimitando esse termo como passadas capazes de dele se apoderarem.
- ***O pau está comendo no campo!*** O enunciado evoca uma briga intensa no campo. A representação que se tem é a de um pau em ação, de pauladas que se põem a destruir o que vem pela frente. Temos, assim, golpes que se apoderam do que surge no momento mesmo em que são dados. Há inúmeros exemplos semelhantes no corpus, como “*A metralhadora está comendo, macacada!*” ou “*Seu Sergio Cabral eu também quero fazer um apelo os tiros estão comendo solto na porta da minha casa [...]*”. Esses exemplos, a nosso ver, são dos mais interessantes. Vê-se, em “*A metralhadora está comendo, macacada!*”, como *comer* evoca a representação de uma metralhadora em ação, atirando com intensidade, *i.e.* a manifestação de tiros que tomam o ar, que se apoderam simultaneamente do espaço no qual se atualizam. Nota-se, ainda, que não se espera por essa situação: um dado espaço não foi feito para ser tomado por tiros. Daí não se dizer tão facilmente *O canto do passarinho está comendo solto*. Para enunciá-lo, é necessário construir uma representação que fuja à esperada, como a de um passarinho que canta ininterruptamente, com intensidade. É o que se tem em “*Vai arrancando bem devagar [...], e os caras atrás ficam desesperados, e as buzinas comem soltas. O sinal, claro, está quase amarelo de*

novo.”, em que *as buzinas* remetem ao som incessante provocado pelo buzinar dos carros. Não se pode dizer de uma simples buzinação que ela *A buzina está comendo*, e, mais ainda, que *está comendo solta*.

- ***Meu programa carrega VHOST32.EXE e vai comendo memória até dar erro.*** O carregamento do programa se apodera da memória do computador, memória entendida como necessária para fazê-lo funcionar. *A memória*, vista como fonte para o funcionamento do computador, é apropriada pelo programa.
- ***Ciclovía “comeu” estrada.*** Evoca-se uma dimensão para a ciclovía que se apodera da dimensão referente à estrada. *Comer* diz que a ciclovía tomou a estrada: olha-se para *a estrada* e o que se vê é *a ciclovía*, fato que não deixa de fazer referência à estrada que existia antes e que continua a se fazer presente. Pode-se dizer que, em enunciados como esse, esperava-se, finalmente, encontrar o que não se tem, no caso, *a estrada*. Daí exemplos como “*Cadê a vida? A cidade comeu*” ou “*Cadê meu comentário que estava aqui? A censura comeu. Eu e o Estadão estamos sendo censurados. Cadê a liberdade de imprensa?*”, em que é pelo que não se tem que se dá a ver a apoderação. Para ficar apenas no último exemplo, a ausência atestada de comentário quando ele era esperado dá a ver que a censura se apoderou do comentário que havia antes. Vê-se, pela não existência do comentário, a censura.
- ***Yamandú é um garoto infernal com seu violão de 7 cordas... Bastava começar a [...] música, e lá estava o demônio (no melhor dos sentidos) novamente “comendo” o violão [...]*** Enunciado altamente interessante, em que se evoca uma representação na qual os dedos de Yamandú, em movimentos intensos, se apoderam das cordas de seu violão – e logo, dos sons por elas produzidos. *Comer o violão* não é, simplesmente, tocá-lo. É formar corpo com o violão, é tomar o instrumento para si.

Para entender como se organiza a variação própria aos enunciados trazidos como ilustração, propomos examiná-la a partir da seguinte forma esquemática: *dados uma quantidade Y (volume, dimensão, extensão etc.) e um termo X, ao qual Y é externo, COMER faz com que X apresente propriedades capazes de fazê-lo se apoderar de Y.*

Sobre essa formalização, vale dizer que (Y), graças ao verbo, redefine as propriedades de (X), o que faz com que (X) seja capaz de se apoderar de um (Y) externo¹³, que dele é distinto (porque é outro), que não foi destinado a priori para o fim

13 A *relação externa* entre (X) e (Y) precisa ser mais bem elaborada. Nas análises, buscamos evidenciá-la, mas ainda não temos uma formulação condizente com o peso que certamente essa relação adquire no mecanismo enunciativo de *comer*.

que (X) lhe confere, que não é o esperado etc. *Comer* traz a intensidade da apoderação, o que explica inúmeros de seus usos vistos como impactantes, violentos, grosseiros etc., como os atrelados aos campos sexual, policial, entre outros.

Esse funcionamento, segundo hipótese em fase de verificação, decorreria, em parte, do próprio funcionamento de *cum-*, integrado diacronicamente à constituição do verbo, já que esse elemento linguístico, conforme estudos em andamento em PB e em francês sob a ótica da Teoria das Operações Enunciativas¹⁴, tende a evocar dois elementos não vinculados que, postos em relação de modo contingente, têm seu estatuto redefinido. No caso de *comer*, vemos que (Y) redefine as propriedades de (X), de tal modo que se possa observar a relação de “apoderamento”.

Para melhor compreender o que significa postular a redefinição das propriedades de (X) por (Y), consideremos os enunciados já mencionados e suas respectivas análises, dessa vez, no interior de cada grupo de funcionamento.

No **grupo I**, (Y) apresenta-se como quantidade integrada a (X), ou seja, a quantidade (Y), embora vista intrinsecamente como fonte para a manutenção de (X), é externa a (X) e por (X) apoderada. A representação aproxima-se do que *se consome, se gasta*. São exemplos do **grupo I**, entre outros:

- ***Daniel Alves come banana atirada em campo por torcedor [...].*** A *banana* (Y) evoca uma quantidade de nutrientes integrada pelo ato de mastigação por *Daniel Alves* (X). A manutenção do corpo relaciona-se a seu consumo (ao desaparecimento da banana);
- ***[Ele] Comeu toda a herança paterna em poucos meses.*** A *herança paterna* (Y) evoca uma quantidade monetária (fonte financeira) cujo valor é integrado por *Ele* (X) em atos que satisfazem seus desejos. Sua satisfação relaciona-se ao consumo;
- ***Meu programa carrega VHOST32.EXE e vai comendo memória até dar erro.*** A *memória* (Y), quantidade de informações servindo de fonte para o funcionamento do computador, é integrada por (X), *o programa*, na atualização que permite a sua execução.

14 Ver dissertação em andamento de Thatiana R. Vilela (EFLCH-UNIFESP) sobre a preposição COM em PB, e tese, em andamento, de Vanessa S. L. Trauzzola (EFLCH-UNIFESP), sobre o prefixo CO- e variantes em PB, ambas sobre os mecanismos enunciativos que sustentam essas unidades. Ver ainda, em língua francesa, estudos sobre o funcionamento da preposição AVEC (Paillard, Denis et al., *Grammaire des prépositions*, tomo 2, em fase de finalização) e do prefixo COM- (e variantes) (Ashino, Fumitake, *Contribution à l'étude de la notion de réciprocité en français contemporain*, Thèse, Université Paris Diderot, 2012). Estes trabalhos, acreditamos, contribuirão para melhor entender o mecanismo enunciativo próprio a *com*, independentemente de sua categorização.

Nesse grupo, excetuando o caso de “*Daniel Alves come a banana*”, a relação externa entre (X) e (Y) envolve um parâmetro de avaliação que se fundamenta no que é esperado: *comer* implica o que foge a esse parâmetro. *A memória* da qual se apodera o programa está para além do esperado na atualização do próprio programa. O mesmo ocorre em “[...] *eu não sei o que acontece, meu carro come gasolina*”, em que *a gasolina* do qual se apodera *meu carro* está para além do que se espera em termos de consumo de gasolina; por sua vez, *a herança paterna* da qual *ele* se apodera é vista como algo direcionado para uma finalidade não esperada, ou então, deixa de ser herança (um patrimônio) porque foi gasta.

No **grupo II**, (Y) apresenta-se como quantidade circunstancialmente apropriada por (X) em função do ato manifestado pelo próprio (X). A natureza relacional de *apropriação* implica um ato de *tomada para si* no instante em que (X) realiza o ato. São exemplos do **grupo II**, entre outros:

- ***Minha filha [...] não queria parar de ler. Comeu o livro!***, em que *o livro* (Y) delimita uma quantidade de escrita apropriada por *minha filha* (X) à medida que se atualiza um ato que toma as palavras ofensivamente;
- ***As patas dos cavalos comiam quilômetros em minutos.***, em que o CN *os quilômetros* (Y) evoca uma extensão espacial (uma dimensão) apropriada pelas *patas dos cavalos* (X) à medida que se atualizam circunstancialmente *passadas*;
- ***O pau está comendo no campo! O pau*** (X) atualiza *pauladas* que se apropriam circunstancialmente do espaço (Y) no qual ocorrem, especificado pelo *o campo*;
- ***Bastava começar a próxima música, e lá estava [Yamandú] “comendo” o violão [...]. Yamandú*** (X) atualiza *atos de dedilhar* que se apropriam das cordas à medida que são realizados.

Nesse grupo, a relação externa entre (X) e (Y) não deixa de envolver um parâmetro de avaliação, uma vez que se convoca, de algum modo, uma posição outra que a esperada. Por exemplo, em *Comeu o livro!*, ao que nos parece, marca-se a ofensiva da apropriação, o que faz com que o ato manifestado não seja assimilável ao simples ato de ler: o texto em sua dimensão foi tomado intensivamente pelo movimento dos olhos. Já em *As patas dos cavalos comiam quilômetros*, a ofensiva das *passadas* evoca a exaustão e intensidade da corrida, assim como em [...] *lá estava [Yamandú] “comendo” o violão [...]*, a ofensiva do movimento dos dedos esgota as cordas, tira o máximo delas... Por fim, em *O pau está comendo no campo!*, é a ofensiva das *pauladas*

– e a consequente invalidação de uma paz desejada – que é evidenciada.

No **grupo III**, não há quantidade integrada a (X), nem por (X) apropriada circunstancialmente. É pelo que se vê *afetado* que se percebe a quantidade já apoderada. A representação aproxima-se do que desaparece, se destrói. (Y) apresenta-se como quantidade afetada por (X), sendo que, fora da afetação, não há quantidade apoderada. A natureza relacional de *afetação* implica um confronto qualitativo em que se observa *inexistência de Y afetado versus Y afetado*.

- ***A tuberculose comeu-lhe os pulmões.*** *A tuberculose* (X) evoca uma doença que toma *os pulmões* (Y), afetando-os. É pelo afetado, pelo fato de haver *pulmões com tuberculose*, que se verifica que a tuberculose apoderou-se dos pulmões;
- ***Ciclovía “comeu” estrada.*** Nesse enunciado, é o CN *ciclovía* (X), pela largura evocada, que toma *estrada*. Se a *ciclovía* se sobrepõe completamente à *estrada* ou se a toma parcialmente, não vem o caso. O que importa é que é pela presença de *ciclovía* que se verifica que não há mais *estrada*, que ela foi tomada;
- ***Cadê meu comentário que estava aqui? A censura comeu.*** A ausência atestada de comentário quando ele era esperado dá a ver que *a censura* (X) se apoderou do *comentário* (Y) que havia antes. Vê-se, pela não existência do comentário, a *censura*, o que significa que, pelo que não se tem, é dado a ver a apoderação.

Há inúmeros outros exemplos no corpus que se inserem nesse grupo, dentre os quais mencionamos: “[...] a ferrugem comeu uns 30 centímetros da porta [...]”; “Uma espessa barba comia-lhe parte do rosto.”, “Só no último século, o mar comeu 13 centímetros de costa em Portugal [...]”; “[...] se comeu de raiva” etc. No caso do último enunciado, tem-se *raiva* (X) como emoção que toma o sujeito (Y), i.e. o conjunto de suas funções físico-psíquicas, contra a sua vontade, dando a ver alguém enraivecido. Mais uma vez, é pelo fato de se ver um sujeito enraivecido que se representam as funções físico-psíquicas apoderadas pela *raiva*. Em enunciados como esse (*comeu-se de raiva*, de *inveja*, de *ciúmes* etc.), nota-se que o sujeito é tomado repentinamente por emoções sobre as quais ele não tem domínio. Por exemplo, em “Ele se comeu de paixão” (ou de desejo), *paixão* e *desejo* são sentimentos intensos e que dele emanam independentemente de sua vontade, porque provocados pelo outro. Esses sentimentos fogem a seu controle. Comer diz, assim, que, ao olhar para o corpo de um sujeito, ao percebê-lo, o que nele se vê são esses estados que lhe escapam, o que atesta, uma vez mais, uma relação externa entre (X) e (Y): (X) é tomado por um sentimento que, de uma

certa maneira, não lhe pertence, no sentido de que ele não é capaz de dominá-los. Daí não se dizer comeu-se de carinho, de ternura etc.

Contribuições para a compreensão de expressões com *comer* e *quebrar*

O estudo apresentado traz os resultados de análises que se encontram em etapas diferentes de desenvolvimento, visto ser este trabalho a primeira formalização que fazemos do mecanismo enunciativo de *comer*, o que não é o caso para *quebrar*. No entanto, embora haja, ainda, questões cuja compreensão ainda está a caminho, acreditamos ser possível propor uma reflexão para expressões como “*O pau comeu!*” – presente, aliás, no ditado popular, “*Escreveu não leu, o pau comeu!*” – e “*O pau quebrou!*” tomando como ponto de partida as características de funcionamento próprias a cada verbo.

É importante ressaltar, antes, o fato de que falar em *solidariedade desfeita* para *quebrar* e de *quantidade apoderada* para *comer* coloca, de saída, que a matéria semântica constitutiva de cada verbo é de natureza abstrata e relacional, sendo estas as formulações que, por ora, nos parecem descrever mais adequadamente as representações em jogo nos diferentes enunciados. Assim, nas identidades semânticas verbais tal como estão postas, se vê integrada a variação, e isso por serem as formas esquemáticas um potencial significante que se elabora no vai-e-vem entre o empírico e sua formalização: é na observação de cada uso, no exame das determinações conferidas pelo verbo aos termos por ele convocados para se enunciar, nas restrições que lhes impõem e nas especificidades que esses mesmos termos lhe atribuem, que se evidenciam os parâmetros de sua identidade. Isso significa que, na análise de cada enunciado, o modo como se apresenta a apreensão de um dado termo não deve ser lido como um conteúdo que lhe seria inerente, mas, sim, como determinações oriundas do mecanismo enunciativo do verbo¹⁵.

15 Os exemplos iniciais em que apresentamos os verbos com o CN *minha bateria* teve por objetivo evidenciar essa problemática. *Minha bateria*, com *quebrar*, vai evocar um conjunto de componentes integrados, seja o de um aparelho, seja o de um instrumento musical, porque esse verbo pede por uma união coesa de elementos, por uma *solidariedade* para poder se enunciar. Com *comer*, embora *minha bateria* possa ser vista como um aparelho, não vem ao caso sua apreensão como um conjunto de componentes integrados. No enunciado *O facebook comeu minha bateria*, as determinações conferidas ao termo são, justamente, outras, já que o CN é apreendido como uma fonte de energia.

Voltando-nos agora para as expressões que nos interessam, vimos que em um enunciado como (1) *O pau está comendo no campo!*, *comer* faz com que o CN *o pau* seja apreendido como agente, como uma representação do que golpeia, de golpes que se põem a destruir o que vem pela frente. *A quantidade*, um dos parâmetros próprios a *comer*, consiste na dimensão espacial delimitada, no enunciado, por *no campo*, que se vê circunstancialmente tomado por golpes diversos, logo, *apoderado*.

Isso explicaria o uso frequente de *solto* com *comer* (*comendo solto*) para representar *golpes* que se manifestam desordenadamente, sem encontrar resistência etc., em suma, golpes que se apoderam desordenadamente do que surge no momento mesmo em que são dados.

Já com o verbo *quebrar*, o que está em jogo é uma *solidariedade desfeita*: o CN *o pau* – a ser apreendido, portanto, como uma unidade coesa que, ao mesmo tempo, deixa de se verificar – tende a evocar representações relacionadas ao que confere sustentação, equilíbrio, apoio, na qual a *solidariedade* se dá na junção entre o que se equilibra. *Quebrar* convoca, assim, contextos que remetem ao desequilíbrio, à desarmonia, à desordem. Note-se, ainda, que, diferentemente de *comer*, *o pau* é o afetado, podendo aparecer, também, em enunciados como *Ele quebrou (o maior) pau!*.

Por exemplo, em (2) *O pau quebrando no #DebateNoSBT e ninguém me avisa? Como assim?*, o enunciado evoca conflito, briga, desentendimento verbal entre as pessoas. Isso pode ser explicado pelo fato de *o pau* remeter, sob a ótica da solidariedade solicitada pelo funcionamento enunciativo de *quebrar*, à sustentação observada no âmbito de um grupo, aqui, a ser lida, entre outras possibilidades, como um comportamento equilibrado de um debatedor face ao outro, equilíbrio que se desfaz. Daí, as representações remeterem, com frequência, à *disputa verbal* que faz com que o equilíbrio esperado entre as pessoas deixe de existir, dadas as trocas hostis que se manifestam. Os contextos desencadeados, por, por exemplo, *Eles quebraram o pau*, evidenciam justamente a situação descrita:

- ***Eles quebraram o pau para mudar de time.*** O atacante espanhol Fernando Torres exigiu ser vendido ao Chelsea pelo Liverpool, em 2011, faltando sete dias para o fim da janela de transferências. E ele conseguiu, depois de muita conversa e um depósito de R\$ 156,5 milhões. Negociações no mundo do futebol nem sempre são amigáveis, e a “lealdade” vista em Torres neste caso não é um caso isolado no mundo da bola.

Conheça outros que quebraram o pau para trocar de camisa!¹⁶;

- ***Marcos X Neto - Quebra pau ao vivo!*** Palmeiras responde críticas de Neto, ex Corinthians, de uma maneira bem DUVIDOSA!! ***Depois eles quebraram o pau ao vivo na tv***, veja com exclusividade!¹⁷
- [...] contei pros meus pais e ***eles quebraram o pau com a minha irmã pelo telefone***. o negocio foi feio. ela ficou chorando um tempão e nossos pais mandaram a gente passar o resto das férias na casa da minha vó até eles voltarem [...] ¹⁸.

Em suma, observa-se, pelas reflexões desenvolvidas, de que maneira *comer* e *quebrar* guardam as características constitutivas de seus mecanismos enunciativos, evidenciando, no sentido do que disse Moura (2002), representações mais flexíveis (e mais ricas) que abarcam o idiomático, o figurado, o informal, entre outros qualificativos atribuídos às expressões.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

Creissels, Denis. 1995. *Elements de syntaxe générale*. Paris: PUF.

Culioli, Antoine. 1990. *Pour une linguistique de l'énonciation I*. Paris: Ophrys.

De Vogüé, Sarah. 2011. Os princípios organizadores da variedade das construções verbais. Tradução de Márcia Romero. *ReVEL*, v. 9, n. 16, p.276-315.

De Vogüé, Sarah; Franckel, Jean-Jacques; Paillard, Denis. 2011. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. Organização de textos e de tradução por Márcia Romero & Milenne Biasotto-Holmo. São Paulo: Contexto.

De Vogüé, Sarah; Paillard, Denis. 1997. Identité lexicale et hétérogénéité de la variation co-textuelle : le cas de *suivre*, C. Guimier (ed.), *Co-textes et calcul du sens*, Presses Universitaires de Caen, p.41-62.

Franckel, Jean-Jacques (Dir.). 2002. Le lexique entre identité et variation. *Langue Française 133*. Paris: Larousse.

Franchi, Carlos. 2006. [com Esmeralda V. Negrão & Ana Lúcia Müller] *Mas o que é mesmo "gramática"?* São Paulo: Parábola Editorial.

Marque-Pucheu, Christiane (Dir). 2001. Les figures entre langue et discours. *Langue Française*. Paris : Larousse.

16 Fonte: <http://esportes.r7.com/futebol/fotos/eles-quebraram-o-pau-para-mudar-de-time-relembra-astros-e-pernas-de-pau-20130207-8.htmlv>, acesso em 20/09/2015.

17 Fonte: https://www.youtube.com/all_comments?v=-MirF_GRpvA, acesso em 20/09/2015.

18 Fonte: http://forum.jogos.uol.com.br/minha-irma-vai-trazer-o-namorado-dela-amanha-q-mandou-eu-cair-fora-wtf-update-pag-15_t_2897236?page=15, acesso em 20/09/2015.

Mortureux, Marie-Françoise. 2008. *La lexicologie entre langue et discours*. Paris: Armand Colin.

Moura, Heronides M. de M. 2002. Polissemia e indeterminação semântica. *Delta*. 18. São Paulo: PUC.

Romero, Márcia. 2011. Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi. *ReVEL*, v. 9, n. 16, p.152-163. [www.revel.inf.br].

Romero, Márcia; Trauzzola, Vanessa S. L. 2014. Identidade lexical, funcionamento enunciativo e variação semântica para a Teoria das Operações Enunciativas. *Calidoscópico*. Rio Grande do Sul. v. 12, n. 02, p.239-248.

